



Dançarinos de carnaval, de Jan Zach. Pastel sobre papel, 45,7x53,3 cm. Sem assinatura, década de 1940. Acervo: Vlastivedné Museum, Slany, República Tcheca

REFUGIADOS E EMIGRANTES: JAN ZACH NO BRASIL – UMA SUPERAÇÃO EXTRAORDINÁRIA E ATEMPORAL

ZUZANA TREPKOVÁ PATERNOSTRO
ABCA/RIO DE JANEIRO

RESUMO: O presente artigo toma como ponto de partida a atualidade do tema dos deslocamentos forçados, recorrente ao longo da história, para refletir sobre a recepção brasileira de exilados da Segunda Guerra Mundial. A trajetória do artista tcheco Jan Zach (Tchecoslováquia, 1914 – EUA, 1986), exilado em 1938 e acolhido pelo Brasil como espaço de criação e reinvenção, é aqui colocada em paralelo à experiência da autora, Zuzana Trepková Paternostro, ainda que movida por circunstâncias distintas. O texto estabelece aproximações e diferenças entre essas vivências, ressaltando como o desenraizamento pode se converter em potência criativa, em memória e em identidade, reafirmando a arte como território de resistência e liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: Emigração; Jan Zach; arte e memória; hibridismo cultural; identidade; Brasil.

ABSTRACT: This article takes as its starting point the current theme of forced displacement, a recurring theme throughout history, to reflect on the reception of exiles from World War II in Brazil. The trajectory of Czech artist Jan Zach (Czechoslovakia, 1914 – USA, 1986), exiled in 1938 and welcomed by Brazil as a space for creation and reinvention, parallels the experience of author Zuzana Trepková Paternostro, albeit driven by different circumstances. The text establishes similarities and differences between these experiences, highlighting how uprooting can become a creative force, memory, and identity, reaffirming art as a territory of resistance and freedom.

KEYWORDS: Emigration; Jan Zach; art and memory; cultural hybridity; identity; Brazil.

Vivemos, no presente, uma era marcada por deslocamentos humanos em escala histórica. Segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), mais de 120 milhões de pessoas em todo o mundo foram forçadas a deixar suas casas em decorrência de guerras, perseguições políticas, crises ambientais e violações de direitos humanos. A guerra na Ucrânia, os conflitos prolongados na Síria, no Sudão e no Afeganistão, bem como a instabilidade em regiões como o Sahel africano, têm gerado fluxos migratórios que desafiam fronteiras, políticas públicas e, sobretudo, a capacidade de acolhimento das sociedades contemporâneas. Esses refugiados não são apenas números em relatórios: são indivíduos que carregam consigo memórias, saberes, culturas e, muitas vezes, talentos que se reinventam em novos territórios.

Ao observar esse cenário, é inevitável que eu, como historiadora da Arte e crítica, rememore a trajetória de Jan Zach – artista tcheco que, em 1938, deixou sua pátria após o Tratado de Munique,

acordo que precipitou a desintegração da então Tchecoslováquia. Zach, como tantos outros, foi empurrado pela história para longe de suas raízes. Em dezembro daquele ano, chegou aos Estados Unidos para montar o pavilhão da Tchecoslováquia na Feira Internacional de Nova York. Encantou-se com o convívio com os brasileiros, especialmente no pavilhão de Cândido Portinari, e, ao saber da guerra em sua terra natal, decidiu não retornar à Europa. Aos 25 anos, escolheu o Brasil como novo lar, onde viveu entre 1940 e 1951.

Minha relação com a obra de Jan Zach tem origem em afinidades de raiz étnica. Nascida em Budapeste, em tempos de guerra (Segunda Guerra Mundial), em uma das comunidades multiétnicas da Hungria – predominantemente de tradição eslava e remanescente do antigo Império Austro-Húngaro –, cresci em Košice, na recém-restaurada República da Tchecoslováquia. Formei-me em História e Teoria das Artes Plásticas em Bratislava, em 1967, e atuei no Departamento de Arte Aplicada da Galeria Nacional Eslovaca. Um relacionamento de cinco anos com

um estudante brasileiro acabou por conduzir-me não apenas ao casamento, mas também a um vínculo duradouro com o Brasil – laço que se mantém até hoje –, país para o qual me mudei, fixando residência no Rio de Janeiro, na véspera de 1972.

Anos mais tarde, já no Brasil, como chefe do Departamento de Arte Estrangeira do Museu Nacional de Belas Artes, após examinar centenas de pinturas italianas, francesas e de outras escolas europeias, foi em um dos inúmeros mergulhos nas reservas técnicas que me deparei e identifiquei obras de artistas da Europa Central – em especial de um pintor nascido na Tchecoslováquia (Jan Zach), país onde eu mesma recebi toda a minha formação pessoal e profissional.

A obra que marcou esse meu primeiro encontro com o artista foi justamente o *Autorretrato* de Jan Zach, doado pelo próprio em 1944. Chamou minha atenção pela qualidade da caracterização, pela expressividade e pela firmeza dos traços, livres de qualquer idealização. Representava um rosto jovem, do próprio artista,

destemido diante de terras novas, como era o Brasil para ele naquele momento, com olhar franco e direto ao espectador. Não tive dúvidas ao constatar que se tratava de um retrato de um profissional de talento e qualidades inegáveis.

A descoberta de Zach naquele acervo foi mais do que um encontro com a obra: foi um reencontro com minha própria história. Mais novo entre seus muitos irmãos, começou a desenhar jovem. Frequentou, em Praga, a Escola Superior de Artes Industriais e a Academia de Belas Artes, sendo assistente do arquiteto e escultor cinético Zdeněk Pešánek (1896-1965)¹. Admirava grandes nomes da arte tcheca, como o pintor expressionista Alfred Kubín (1877-1959), de projeção internacional, que dispensa mais informações, além do nacionalmente prestigiado Emil Fila (1882-1953)² e a surrealista, recentemente abordada em filmografia realizada no solo francês, Marie Čermínová Toyen (1902-1980)³.

Meu primeiro contato com a arte tcheca no Brasil foi em 1972, no



Folder de exposição realizada no MNBA em 2002, ocasião em que foi exposto o autorretrato de Jan Zach (*samizdat*). Foto: acervo da autora

Apreciação da obra na reserva técnica do Museu Nacional de Belas Artes, junto do pesquisador Radoslav Ištók, da Galeria Nacional de Praga (República Tcheca), 2025. Obra: Jan Zach, Tcheco (1914-1986) – *Autorretrato*, assinado ‘Jan’, óleo sobre tela, 60x50 cm. Inv.: 2218. Acervo do Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, MEC/IBRAM. Foto: acervo da autora



Museu de Arte Moderna (MAM-RJ), do Rio de Janeiro, onde pude apreciar, na reserva técnica, obras de Marie, que só conhecia em teoria pela faculdade. Na época, minha visita à instituição foi em busca de trabalho. Apesar de não ter encontrado nenhuma vaga disponível, pude ser útil explicando e sendo consultada sobre o verdadeiro nome da artista e seu pseudônimo Toyen. Infelizmente, essas obras foram perdidas no incêndio de 1978.

Retornando ao assunto, minha descoberta de Jan Zach (1914-1986) foi acompanhada da minha intenção de algum dia expor e apreciar sua obra, uma das poucas obras de artistas tchecos no acervo do Museu Nacional de Belas Artes⁴. No catálogo de sua obra, realizado pelo Museu de Arte da Universidade do Oregon, em Eugene, de 1979, Zach relembrou com entusiasmo o momento em que decidiu vir ao Brasil. Disse ele:

Quando parti para Nova York, o filme *Flying to Rio* estava sendo exibido em todos os cinemas de Praga. Era fantástico. Certo dia, vi no Music Hall do

Rockefeller Center um fabuloso documentário de viagem sobre o Brasil e falei para mim mesmo: “Tenho que ir para lá”. Voltei ao meu estúdio, abri a porta e encontrei um telegrama que dizia: “Se você está interessado em passar duas semanas no Rio de Janeiro, chame-nos”.

O convite veio da tradicional fábrica tcheca, pioneira em produção popular de calçados *Bata*, que lhe ofereceu a oportunidade de viajar ao Brasil para ilustrar um livro sobre o desenvolvimento industrial do país. Zach desembarcou em terras brasileiras, encontrando oportunidade como designer e ilustrador. Em seguida, participou de exposições no Museu Nacional de Belas Artes (1944) e nas seções mineira (em 1946) e carioca (1948) do Instituto de Arquitetos do Brasil, entre outras atividades, como a continuação de suas atividades como ilustrador e designer gráfico para capas de publicações⁵. Promoveu ainda, em 1950, uma exposição realizada sobre um verdadeiro mestre clássico da gravura tcheca, Václav



Capa de livro feita por Jan Zach, sem crédito. Acervo: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Hollar (1607-1707)⁶, por sugestão do escritor Marques Rebelo (1907-1973) e a convite do professor, intelectual e colecionador Francisco Inácio Peixoto (1909-1986). Em seguida, mudou-se para Cataguases, em Minas Gerais. Já casado com a jornalista canadense Judith Ella Monk, residiu também em



Capa de livro feita por Jan Zach, sem crédito. Acervo: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Penedo, no Vale do Paraíba. Atribuiu-se a ele a concepção do Museu de Arte Moderna de Resende, onde recebeu ainda as Chaves da Cidade, em 1950. Neste ano, participou de exposição conjunta com Alfred Kubín, Gino Severini (1896-1966) e Victor Vasarely (1906-1997), este último



Apreciando com Jan Čečrdle, diretor do Vlastivedné Museum em Slany, obra do artista *Circo na Praça XV no Rio de Janeiro*, da época de sua permanência no Brasil. Museu de Jan Zach, Slany (República Tcheca). Foto: Raphaela Luvison (2023). Acervo da autora

nascido na Hungria. No ano seguinte, a convite de Francisco Inácio Peixoto, Zach integrou o projeto de colaboração artística do Colégio de Cataguases – um marco da arquitetura escolar concebido por Oscar Niemeyer. Coube a ele a realização da escultura⁷ *O Pensador*, instalada no pátio da instituição. Essa obra, além de dialogar com a modernidade arquitetônica do edifício, já prenunciava a trajetória de Jan Zach como artista que encontrou seu lugar na apropriação e desenvoltura espacial, na exploração da superfície de materiais, no jogo de luzes e utilização de elementos próprios de um autêntico e genuíno escultor.

Impossível omitir o pioneirismo do colega crítico de arte Frederico Morais⁸. Jornalista e historiador, foi ele quem, por meio do patrocínio do Banco do Estado do Rio de Janeiro – BANERJ, promoveu o *Ciclo de Exposições sobre Arte no Rio de Janeiro*. Iniciado em 1984, ao longo de anos produziu diferentes segmentos até 1986. Num deles, o mais antigo, intitulado *Tempos de Guerra – Hotel Internacional*, Frederico Morais

relaciona e desenvolve uma reflexão sobre a vida e a obra da permanência de Jan Zach no Brasil. Retrata uma sucinta biografia com atuação ao longo dos 10 anos de permanência do artista no Rio de Janeiro, uma “urbe” alegre e pitoresca na época, capital do país. Sua atuação e importância em demais localidades, como Cataguases, Resende e Penedo, também foram abordadas amiúde, em 2008, pelo historiador Pavel Štěpánek⁹.

Como parte das minhas atribuições no MNBA, acompanhei diversos leilões de arte, visando atualizar os valores das obras do acervo para fins de seguro, especialmente em casos de empréstimos internacionais. Minha atenção por Jan Zach e seu legado me acompanhou ao longo dos anos, mesmo sem poder expor e dar visibilidade à sua obra. No fatídico leilão da Casas Haddad, em 1990, poucos perceberam a relevância de um desenho de Zach – feito em nanquim retocado com guache sobre papel *kraft*. Tratava-se, possivelmente, de um estudo preparatório para a tela homônima, mencionada na literatura como pertencente ao acervo do

coleccionador Gustavo Jourdan, hoje de paradeiro desconhecido.

Obra pertencente ao acervo do Museu Nacional de Belas Artes só



Desenho em bico de pena, aquarelado, retocado c/têmpera/guache. Possivelmente estudo maior para ilustração para uma das existentes em publicações da época de sua permanência no Brasil. A obra, assinada, retrata a Praça XV no Rio de Janeiro. Foto: acervo da autora

teve oportunidade de ser exibida em décadas posteriores. Numa ocasião, em 2002, contando com espaço vago – um dos poucos recursos ocasionalmente disponíveis – do museu, consegui organizar a exposição temática “Retratos do Mundo Artístico”. Nesta oportunidade, além de proporcionar a primeira mostra desta pintura desde que foi doada pelo próprio artista, em 1944, foi produzido um modesto folder do tipo *samizdat*¹⁰, que registrava, além de poucas, mas importantes informações biográficas sobre Zac, onde acrescentei as seguintes observações:

Seu *Autorretrato* nos mostra alguém despojado de convencionalismos, revelando seu charme pessoal e espontaneidade no próprio estilo de viver e pintar: a obra é realizada com pinceladas largas, sem arrependimentos e retoques.

Ao revisitar nossas trajetórias, do designer Jan e da crítica de arte Zuzana, que frequentou escola de nível médio profissionalizante de Arte Aplicada na ex-Tchecoslováquia, sou levada a ponderar sobre uma

afinidade sutil, mas significativa: teria Jan Zach, como eu, um espírito aventureiro e inconformado, movido pelo desejo de explorar novos horizontes e reinventar perspectivas? É preciso, no entanto, reconhecer com o devido cuidado que nossas partidas se deram sob circunstâncias profundamente distintas – ele, compelido pela ameaça nazista e pela impossibilidade de retorno à sua pátria; eu, por uma escolha deliberada de viver uma nova vida, diferente do projeto, geralmente previsível, que se desenhava em minha terra, somada à dimensão afetiva que me conduziu ao Brasil. Ainda assim, creio que o que nos conecta é o fato de ambos termos encontrado neste país não apenas acolhimento, mas também um desejo, uma abertura para o novo, um terreno fértil para nossas realizações. Ele, como artista; eu, como crítica e curadora. O que nos move, talvez, não seja apenas o deslocamento físico, mas uma inquietação mais profunda, o inconformismo diante da estagnação, uma busca por sentido, por expressão e por liberdade suprapessoal. Pois

eu, que já nasci apátrida, crescendo – e muito próspera – em duas culturas distintas. Em Zach, essa pulsão se revela não apenas no deslocamento voluntário, mas também no fascínio genuíno pelo novo e diferente: o Brasil. Há, portanto, uma confluência entre o exílio imposto e o desejo espontâneo de descoberta, a dualidade que transforma o desenraizamento em gesto criativo.

A condição do refugiado e emigrante, embora marcada por rupturas e perdas, não se define exclusivamente pela fuga ou saída. Muitos dos que atravessam fronteiras em contextos de guerra carregam também um impulso de reinvenção: uma disposição para reconstruir narrativas pessoais em meio ao desconhecido e transformar o deslocamento em possibilidade. No caso de Jan Zach, essa tensão entre urgência e escolha se revela com nitidez: por um lado, a pressão histórica que o impede de retornar à Tchecoslováquia após o avanço nazista; por outro, uma curiosidade genuína, quase visionária, que o leva a desejar conhecer o Brasil antes mesmo de qualquer convite formal.

Seu relato, registrado no catálogo da Universidade do Oregon, é revelador: ao assistir a um documentário sobre o país no Rockefeller Center, Zach afirma: “Tenho que ir para lá”. Essa expressão não apenas denota interesse, mas revela um espírito inquieto, aberto ao mundo, que transforma o exílio em descoberta. Essa ambivalência, entre o que se abandona e o que se escolhe, talvez seja uma das chaves para compreender a profundidade de sua trajetória e, por extensão, a minha também.

Nesse contexto, a arte transcende sua função estética ou intelectual: ela se torna território de memória, de identidade e de resistência. Ao encontrar Jan Zach no acervo brasileiro, deparei-me não apenas com uma obra, mas com o reflexo de uma geração que, entre guerras e reconstruções, soube converter o exílio em potência criativa. Zach, como tantos que hoje cruzam fronteiras em busca de refúgio, foi desterrado de seu país por forças que o ultrapassavam. No entanto, sua trajetória revela também o desejo de explorar, de se lançar ao

novo, de fazer do desconhecido um espaço de afirmação.

É uma constatação pouco atraente do nosso tempo histórico – início do século XXI – perceber que nos resta pouco espaço para sonhar com uma convivência marcada pela riqueza das trocas intelectuais e artísticas. O cenário, ao contrário, é tingido por intermináveis disputas de poder, por uma geopolítica que despreza convenções e recorre a soluções pouco criativas, chegando a ressuscitar as ideias sombrias de Carl Schmitt (1888-1985)¹¹. Um horizonte que nos rouba a possibilidade de sonhar coletivamente. Ainda assim, resta-nos a urgência de unir forças sob o espectro imponente da arte, da diversidade e da coexistência das culturas autóctones.

O encantamento de Jan Zach e Zuzana pelo Brasil, manifestado espontaneamente, sugere um sonho coletivo de abertura radical ao mundo, capaz de transformar o deslocamento não apenas em necessidade. E talvez seja esse o traço mais profundo que nos une: a capacidade de fazer do

desenraizamento um encontro, da perda, uma criação e do movimento, seja imposto ou desejado, um gesto de liberdade estética e existencial mesmo encerrado num arco individual do artista escultor ou de uma historiadora e crítica dele mesmo.

NOTAS

1 Zdeněk Pešánek (1896-1965), artista tcheco pioneiro da arte cinética e multimídia. Ele foi um dos primeiros a integrar luz, movimento e som em esculturas públicas, utilizando materiais inovadores como neon, celuloide e lâmpadas coloridas. Ganhou notoriedade ao vencer, em 1937, o primeiro lugar na premiação de decoração em vidro na Exposição Mundial de Paris.

2 Emil Fila (1882-1953), pintor e escultor tcheco, destacou-se no cubismo da Tchecoslováquia, combinando a intensidade emocional do expressionismo alemão com a fragmentação geométrica do cubismo francês.

3 Marie Čermínová (1902-1980), conhecida artisticamente como Toyen, foi uma das figuras centrais do surrealismo europeu, notável por suas obras que exploram o inconsciente, o erotismo e a subversão das convenções sociais e estéticas. Morou em Paris, onde trabalhou com André Breton (1896-1966). Recentemente, a cineasta tcheca Andrea Sedláčková, diretora

do documentário *Toyen – A Baronesa do Surrealismo* (2022), entrou em contato comigo para que eu pudesse funcionar como ponte de contato com o MAM-RJ, a fim de avaliar a possibilidade de incluir as obras, ou suas reproduções, em seu filme, reforçando o diálogo entre memória institucional e registro audiovisual da trajetória da artista.

4 Outra obra seria a obra sobre papel *Retrato de Josef Manes (1820-1871)*, 1917, xilogravura, do artista Maximilian Svabinsky (1873-1962). T. 4633. Presente no gabinete de gravuras do MNBA.

5 Jan Zach foi ativo com ilustrações e confecções de capas de publicações de diversos escritores, entre eles, do poeta J. G. de Araújo Jorge. Em muitos desses livros não constavam os créditos de confecções de capas de sua autoria. Entre eles: *Estrada de Terra, Amo!; Os Mais Belos Contos de Fadas da Índia; Itinerário de Paris* e *Antologia da Nova Poesia Brasileira*, entre outros, como constam nas imagens.

6 Václav Hollar (1607-1707) foi um prolífico e talentoso artista gráfico

boêmio do século XVII, que passou grande parte de sua vida na Inglaterra. Produziu nas mais diversas técnicas gráficas, sendo suas obras notórias em coleções privadas e públicas em toda a Europa Ocidental.

7 Outras esculturas foram construídas em Cataguases, Minas Gerais, por Jan Zach, como a obra *Mulher*, no jardim do Hotel Cataguases. O IPHAN disponibiliza uma lista de monumentos em tal cidade, disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1481/>

8 Frederico Morais (1935), mineiro, jornalista, crítico de arte, historiador e professor. Considerado nacional e internacionalmente valioso estudioso e apreciador da arte moderna brasileira, particularmente a do século 20. Foi ativo – entre outros – como diretor da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, além de jurado da Bienal Internacional de São Paulo.

9 Pavel Štěpánek (1942), historiador de arte tcheco, professor universitário, estudioso das línguas espanhola e portuguesa, especialista em história da arte e da arquitetura do mundo

hispânico e lusófono em sua totalidade. Autor de intensa atividade em torno das duas línguas, com presença na Espanha e envolvendo publicações.

10 *Samizdat* refere-se à autopublicação e à circulação clandestina de textos, músicas e outras formas de arte censuradas pelo governo nos países do Bloco Leste. Contudo, neste contexto refere-se tão somente a publicações (impressos informativos, catálogos, livros, etc.) confeccionadas artesanalmente pela autora (Z. P.).

11 Filósofo, jurista e teórico político da República de Weimar (1919-1933), foi membro do Partido Nazista (1933). É considerado um dos principais especialistas em direito constitucional e internacional do século XX, apesar das controvérsias ideológicas. Dedicou-se ao estudo e à crítica do liberalismo, sustentando que liberalismo e democracia seriam categorias mutuamente excludentes. In: *Enciclopédia Britânica*. Disponível em: [https://www.britannica-com.translate.googleusercontent.com/biography/Carl-Schmitt](https://www.britannica-com.translate.googleusercontent.com/https://www.britannica-com.translate.googleusercontent.com/biography/Carl-Schmitt). Acesso: set./ 2025.

REFERÊNCIAS

ČEČRDLE, Jan. *Ján Zach – Návrat domu – Homecoming*. Catálogo por ocasião de 100 anos de nascimento do artista: Vlastivedné Museum, Slany (República Tcheca), 2014.

IEPHA-MG. *O modernismo de Oscar Niemeyer em Minas Gerais: Inventário dos projetos e obras do arquiteto*. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2023. 66 p. (Cadernos do Patrimônio).

MORAIS, Frederico (org.). BANERJ. *Ciclo de Exposições sobre Arte no Rio de Janeiro: I Exposição Nacional de Arte Abstrata – Hotel Quitandinha, 1953*. Rio de Janeiro: Galeria de Arte BANERJ, 1984.

MORAIS, Frederico (org.). BANERJ. *Ciclo de Exposições sobre Arte no Rio de Janeiro: Os Dissidentes – 1942*. Curadoria de Francisco de Moraes. Rio de Janeiro: Galeria de Arte BANERJ, 1985.

MORAIS, Frederico (org.). BANERJ. *Ciclo de Exposições sobre Arte no Rio de Janeiro: Tempos de Guerra – Hotel*

Internacional. Curadoria de Francisco de Moraes. Rio de Janeiro: Galeria de Arte BANERJ, 1986.

PATERNOSTRO, Zuzana. Arpad Szenes. In: DE SOUZA, Alcídio Mafra (ed.). *Museu Nacional de Belas Artes*. São Paulo: Banco Safra, 1985. P. 292-3.

PATERNOSTRO, Zuzana. *Retratos do Mundo Artístico*. Acervo da Pintura Estrangeira. Museu Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro, 2002.

ŠTEPÁNEK, Pavel. *Afinidades Históricas e Culturais entre o Brasil e a República Tcheca*. Brno: L. Marek, 2008.

<http://www.babellivros.com.br/601a900.htm>

https://www.iepha.mg.gov.br/images/com_arismartbook/download/123/0%20Modernismo%20de%20Oscar%20Niemeyer.pdf

ZUZANA TREPKOVÁ PATERNOSTRO

Ph.D. em História da Arte. Concluiu doutorado na Faculdade de Filosofia da Universidade de Jan Amos Komenský, em Bratislava (Tchecoslováquia, 1975) e trabalhou no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (MNBA-RJ) de 1972 até 2011. Curadora-chefe da Coleção de Pintura Estrangeira por mais de décadas, destacou-se como especialista em pintura

européia antiga. Membro de associações de arte nacionais e internacionais, além de: Conselho Internacional de Curadores de Arte Flamengo e Holandesa e membro da Comissão Autenticadora de obras de J. B. Debret (2006). Publicou livros e artigos sobre Arte&Design nos veículos *Výtvarný Život*, *PRAVDA*, *Vlastivedný Časopis*, *Ročenka Slovenskej Národnej Galérie*, *CODART Courant* e *MUSAS*.